

DAI NONNI AI NIPOTI: PRÁTICAS FAMILIARES EM LÍNGUA DE HERANÇA

Dai nonni ai nipoti: pratiche familiari in lingua ereditaria

***Dai nonni ai Nipoti: Family Practices
in Heritage Language***

FERNANDA LANDUCCI ORTALE*
GABRIELLE CRISTINA BAUMANN SALVATTO**

RESUMO: Este trabalho apresenta resultados preliminares de uma pesquisa cujo foco é identificar as práticas em língua de herança presentes em um núcleo familiar de imigrantes italianos, constituído em 1958, que possui uma característica peculiar: os membros da primeira e da segunda gerações nascidos no Brasil utilizam apenas o italiano como meio de comunicação entre si. Os dados da pesquisa foram gerados a partir dos pressupostos da Metodologia da História Oral e a análise de dados tem como base os estudos sobre línguas de herança, bilinguismo e translinguagem. O artigo está dividido em três partes: apresentação da história e constituição da família Conci-Maggio; base teórica e breve análise das narrativas autobiográficas para identificar ações que contribuíram para a manutenção da língua de herança no espaço familiar e, finalmente, uma reflexão sobre o processo de revitalização de línguas de herança e as contribuições da presente pesquisa para os estudos sobre políticas linguísticas em espaços familiares.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino e aquisição de línguas; Língua de Herança; Políticas linguísticas familiares.

ABSTRACT: Questo contributo presenta i risultati preliminari di una ricerca il cui focus è identificare le pratiche nella lingua ereditaria presenti in un nucleo familiare di immigrati italiani, costituito nel 1958, che ha una caratteristica peculiare: i membri della prima e della seconda generazione nati in Brasile

*Docente - Universidade de São Paulo
ortale@usp.br (ORCID: 0000-0002-9095-6262)

**Bolsista CAPES e doutoranda - Universidade de São Paulo
gabisalvatto@gmail.com (ORCID: 0000-0002-3480-3093)



utilizzano esclusivamente l'italiano come mezzo di comunicazione tra di loro. I dati della ricerca sono stati generati dai presupposti della metodologia della storia orale e l'analisi dei dati si basa su studi sulle lingue ereditarie, sul bilinguismo e sul translanguaging. L'articolo si organizza in tre parti: presentazione della storia e costituzione della famiglia Conci-Maggio; quadro teorico e breve analisi delle narrazioni autobiografiche per individuare azioni che hanno contribuito al mantenimento della lingua ereditaria nello spazio familiare e, infine, una riflessione sul processo di rivitalizzazione della lingua ereditaria e i contributi di questa ricerca agli studi sulle politiche linguistiche in spazi familiari.

PAROLE CHIAVE: Insegnamento e acquisizione di lingue; Lingua ereditaria; Politiche linguistiche familiari.

ABSTRACT: This work presents the preliminary results of a research whose focus is to identify the practices in the heritage language present in a family nucleus of Italian immigrants, constituted in 1958, which has a peculiar characteristic: members of the first and second generations born in Brazil use only Italian as a means of communication with each other. The research data were generated using Oral History Methodology and the data analysis is based on studies on heritage languages, bilingualism and translanguaging. The article is divided into three parts: a presentation of the history and constitution of the Conci-Maggio family; the theoretical basis and a brief analysis of autobiographical narratives to identify actions that contributed to the maintenance of the heritage language in the family space and, finally, a reflection on the process of revitalizing heritage languages and the contributions of this research to studies on language policies in family spaces.

KEYWORDS: Language teaching and acquisition; Heritage language; Family language policies.

1. A família Conci-Maggio: história e constituição

Noi siamo cinque fratelli. Abitiamo in città diverse, alcuni di noi stanno all'estero: e non ci scriviamo spesso. Quando c'incontriamo, possiamo essere, l'uno con l'altro, indifferenti o distratti. Ma basta, fra noi, una parola. Basta una parola, una frase: una di quelle frasi antiche, sentite e ripetute infinite volte, nel tempo della nostra infanzia. [...] Una di quelle frasi o parole, ci farebbe riconoscere l'uno con l'altro, noi fratelli, nel buio d'una grotta, fra milioni di persone.

Natalia Ginzburg

Quando pensamos em “herança”, com frequência, nos vêm à mente bens materiais ou a constituição genética da família ou, até mesmo, habilidades transmitidas de uma geração para outra - o dom para música, arte, esporte, culinária, etc. Esses tipos de herança, muitas vezes, fazem parte da rotina da família e são reconhecidos como algo precioso, que deve ser transmitido para as gerações futuras.

É nesse cenário familiar que, raramente, encontramos, de forma explícita, a preocupação com a transmissão intergeracional da língua de herança (doravante LH) do pai, da mãe, dos avós ou bisavós. Em outras palavras, podemos dizer que, na maioria dos casos, não se realiza um planejamento linguístico familiar relativo à língua de herança. No entanto, faz-se necessário discutir: “Em que língua vamos falar com nossos/as filhos/as ou netos/as?”, “Em que situações a criança poderá interagir na LH e em que contextos deverá usar a língua oficial do país em que vive?”, “Qual a importância de transmitir a(s) língua(s) falada(s) em família?”, “De que forma a língua dos pais, avós ou bisavós poderá continuar presente na rotina das crianças?”.

Em vez dessas perguntas, é comum encontrarmos afirmações, sobretudo de pais e mães de filhos de classe média, que levam a um apagamento das línguas de herança: “É importante aprender inglês para o futuro profissional”; “Saber inglês é essencial porque é a língua internacional”; “Primeiro é preciso saber falar inglês e depois outras línguas”. Essas afirmações espelham - e reforçam - a valorização da língua inglesa e, como consequência, enfraquecem as políticas a favor de outras línguas estrangeiras e da própria LH.

A pesquisa que apresentamos neste artigo foi realizada junto à família Conci-Maggio¹, que constitui um caso *sui generis*: a língua italiana está fortemente presente nas interações familiares, mesmo passados mais de sessenta anos da chegada do casal Giulietta Conci e Martino Maggio

1 Projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Artes, Ciências e Humanidades - EACH/USP (Processo nº 51790721.0.0000.5390).

ao Brasil. Nesteruk (2010, p.273) descreve o fenômeno do progressivo abandono do uso das línguas de herança e situa a terceira geração como aquela que, de forma recorrente, passa pela perda da língua materna da primeira geração, devido à falta de investimento na preservação da língua, fato que não ocorreu com Martino e Giulietta.

Martino Maggio, natural de Marsala, na Sicília, veio para o Brasil em 1958, aos 28 anos de idade. Cerca de um ano depois, chegava sua esposa, Giulietta Conci, nascida em Caldonazzo, província de Trento. A partir desse momento, ambos continuaram a interagir em italiano entre si e com os filhos, netos e bisnetos.

Outro fator relevante a respeito dos Conci-Maggio é que os novos integrantes da família, maridos e esposas, falam - ou pelo menos compreendem - a língua italiana usada em ambiente familiar. A nosso ver, portanto, o italiano é língua de herança tanto dos descendentes como também, dos membros que a ela pertencem por laços conjugais, uma vez que

Língua de Herança é um patrimônio identitário coletivo, um espaço dinâmico de confluências linguísticas e culturais em que se articulam passado e presente. É uma língua minoritária, falada - ou apenas compreendida - por pessoas que constroem vínculo afetivo e sentimento de pertencimento em relação a determinado(s) grupo(s) e/ou comunidade(s), seja por laços ancestrais, seja por convívio com falantes dessa língua.

Essa definição, ora proposta com base no estudo do núcleo familiar Conci-Maggio, consiste em uma reformulação daquela apresentada por Ortale em 2016, fruto de pesquisa no contexto de uma ex-colônia italiana situada no interior paulista.

É importante ressaltar que os dialetos também são considerados línguas de herança (ORTALE, CORRIAS, FORNASIER, 2021), da mesma forma que Coveri, Benucci e Diadori (1998) consideram que tanto o italiano quanto os dialetos italianos falados pelos imigrantes e seus descendentes são *lingue etniche* ou *lingue degli antenati*.

Atualmente, a família Conci-Maggio² é composta por quatro gerações. Martino, hoje com 93 anos, e Giulietta, falecida em 2019 aos 83 anos, representam a primeira geração. O casal teve cinco filhos (três homens e duas mulheres), três netas, quatro netos, um bisneto e uma bisneta.

Os dados utilizados neste artigo consistem em narrativas coletadas por meio da gravação em vídeo de duas entrevistas semiestruturadas: uma realizada com Martino e outra com seus filhos (a primeira geração nascida no Brasil). Para a elaboração e a realização das entrevistas, utilizamos os pressupostos da metodologia da História Oral (MEIHY, 2005), seguindo um questionário não restrito, posto que novas questões poderiam surgir no decorrer das entrevistas, partindo da

2 O Termo de consentimento livre e esclarecido autoriza a divulgação dos dados pessoais dos participantes.

escuta. Na conversa com Martino, o eixo temático foi a trajetória ao lado da esposa, Giulietta: a vida na Itália, a decisão de partir, a adaptação ao novo país, a constituição da família e as ações de preservação da língua italiana no lar.

Na segunda entrevista, realizada com os filhos, focalizamos os seguintes temas: as línguas usadas nas interações familiares; as memórias de infância e da adolescência; o contato com a cultura italiana; curiosidades; costumes; e representações acerca da língua de herança.

O objetivo principal das entrevistas foi traçar o percurso histórico familiar para compreender os mecanismos que levaram ao fato, raro em contexto migratório, de a LH ser, ainda hoje, a língua principal dos membros do núcleo familiar Conci-Maggio.

Muito embora existam mais trabalhos sobre comunidades de imigrantes, o estudo em núcleos familiares é essencial para a compreensão dos laços entre questões identitárias e linguísticas (ORTALE, MAGGIO e BACCIN, 2015).

Quem conta algo fala sobre o passado do ponto de vista do presente, e é justamente a relação entre passado e presente, lembrança e esquecimento aquilo que constitui a memória. O ato de valorizar o que se viveu é, também, valorizar o que se vive atualmente e, ainda, o que poderá ser vivido no futuro. Demetrio (1996, p. 55), estudioso da pedagogia da memória, considera que cada um de nós tem em si o que ele chama de *pensiero autobiografico*, um conjunto de recordações do que se fez e viveu, útil por possibilitar o *raccontarsi*, um movimento de cuidado, de ideias e práticas voltadas justamente para a valorização de si e do outro.

Zanini (2004) afirma a importância de resgatar memórias familiares por meio do processo criativo de reapropriação do passado que as memórias permitem. Para a autora, essas recriações possibilitam o encantamento do mundo e aquecem as relações familiares, já que é nesse processo que o “indivíduo recriando a família, recria a si mesmo e, ao mesmo tempo, permite que ela se mantenha viva de uma forma positiva” (p.63).

As experiências evocadas nas histórias de vida propiciam movimentos de aproximação e de desenvolvimento da língua-cultura de herança, que são sempre, segundo Mendes (2015, p. 85), “marcados pelas relações de afeto e pelas projeções que o aprendiz faz sobre a cultura, a língua e as memórias das pessoas do seu convívio”.

As entrevistas foram realizadas por vídeo chamada e, em ambas, os participantes falaram o tempo todo em italiano, responderam às questões e incluíram muitos relatos de forma espontânea.

Martino relatou seus anos de infância na cidade de Marsala e o impacto que a Segunda Guerra Mundial teve em sua vida e na comunidade, bem como a alegria por poder frequentar novamente a escola após o final da guerra. Ele contou também, sobre os estudos na Itália e o serviço militar, ocasião em que foi ao norte do país e conheceu Giulietta, que se tornaria sua esposa em 1957.

No que diz respeito às escolhas linguísticas, Martino afirmou que a língua falada entre ele e Giulietta sempre foi apenas o italiano e não os dialetos de origem, de Marsala (Sicília) e de Caldonazzo (província de Trento), respectivamente.

Os relatos da vida na Itália são contados por Martino com muitos detalhes, de forma livre e sem limitação de tempo para finalizar a entrevista. Ao ser questionado sobre as razões que

o fizeram vir para o Brasil, Martino mencionou o desejo de explorar, de conhecer o mundo e aponta essa qualidade como uma herança, parte da natureza dos italianos. Apesar de ter um bom emprego na Itália, afirma que queria ir além, que desejava “conhecer o que tinha no mundo”:

Perché è un pochino lo spirito dell'italiano, non solo uno che emigra, ma uno che vuol conoscere qualcosa. Tra questi abbiamo avuto Colombo, no? Abbiamo avuto Amerigo Vespucci. Vuol sapere, vuol vedere, cos'è che c'è lì in quel posto? Deve essere diverso. Poi la possibilità di far qualcosa di nuovo. Perché no?

Embora tenha partido sem saber se retornaria, Martino retornou à Itália apenas cinco vezes durante as seis décadas de vida com Giulietta no Brasil.

2. A língua de herança após a chegada no Brasil: resistência para a reexistência

Ao chegar ao Brasil, Martino esteve primeiro na cidade de São Paulo, até se mudar para Itu, no interior do estado. Logo após a chegada, não teve dificuldades para encontrar emprego. Era uma época em que prédios como o Edifício Itália estavam sendo erguidos em São Paulo e havia, segundo ele, boas oportunidades, como a proposta que recebeu de um compatriota para trabalhar em Itu, onde já existia uma sólida comunidade de italianos. Martino afirma não ter tido grandes dificuldades de adaptação por conta da língua, nem da cultura.

Ao perguntarmos sobre a decisão de usar apenas italiano em casa, com os filhos, Martino afirma que foi algo “totalmente natural”. Para ele, era óbvio que ambos deveriam se comunicar em casa apenas em italiano. Dos relatos depreende-se que todos os membros da família - inclusive os mais novos - sempre aceitaram as interações em italiano.

Martino contou que morava e trabalhava em uma fazenda durante os primeiros anos no Brasil e que Giulietta passava, assim, muito tempo sem contato com pessoas “de fora”. Assim, os filhos cresceram nesse ambiente em que todos falavam apenas em italiano entre si e, somente ao entrarem na escola, tiveram contato e aprenderam o português.

Uma informação essencial com relação à aquisição e aprendizagem da língua italiana surgiu nos relatos de Martino: o fato de que Giulietta, além de usar apenas italiano com os filhos, se dedicava muito para ensinar a língua, de forma sistemática, aos filhos e netos.

La Giulietta si incaricava di dare lezioni di italiano man mano che loro [i figli] crescevano. Tutti loro l'hanno imparato e anche i nipoti parlano bene l'italiano, non perfetto, ma abbastanza bene e lo stimano.

Em entrevista realizada com os filhos de Martino e Giuletta, há relatos de que a mãe colocava todos à mesa, lia histórias, usava livros didáticos vindos da Itália e, ainda, fazia ditado de palavras e também de cartas, para serem enviadas aos parentes italianos.

Em ambas as entrevistas, ficou claro que as interações de Martino com os netos também ocorrem sempre em italiano. O mesmo pode-se dizer em relação à Giuletta até 2019, ano em que faleceu.

No tocante aos bisnetos, Martino se dirige a eles sempre em italiano e, embora entendam perfeitamente tudo que é dito, respondem em português ao bisavô, mas usando, também, palavras em italiano.

Vale dizer que a pandemia de Covid-19 diminuiu a convivência de Martino com os netos e bisnetos, com exceção de Sophie, a neta de 3 anos, que passou um longo período na casa do avô, juntamente com a mãe e com uma das suas tias. Digno de nota é o fato de que Sophie, apesar de ser o membro mais novo da família, tem a LH em seu cotidiano, pois sua mãe usa exclusivamente o italiano com ela porque, conforme declarou em entrevista, “é natural e espontâneo, é a primeira opção, é o que vem do coração”.

De acordo com Benedini, em consonância com outros autores (como SABOGAL et al., 1987), a concepção de *familismo* pode nos ajudar a compreender atitudes familiares com relação à manutenção da língua-cultura de herança.

O familismo pode ser descrito como um forte sentimento de identificação e de afeto dos indivíduos com ambas as suas famílias nucleares e seus parentes correlatos, fazendo assim emergir um forte sentimento de lealdade, solidariedade e reciprocidade no seio da família. (BENEDINI, 2015, p. 109)

O familismo se manifesta de maneira perceptível na família Conci-Maggio. Os integrantes se comunicam em italiano com os parentes na Itália e os cônjuges vinculados por laços matrimoniais incentivam a preservação do uso da língua italiana. Na entrevista com os filhos de Martino houve relatos de que alguns cônjuges, ao se integrarem à família, começaram a compreender e, até mesmo, a falar italiano.

A ideia de familismo está, portanto, intimamente relacionada aos conceitos de bilinguismo e de translíngua, importantes para colocar em foco não mais a convivência entre várias línguas de diferentes nações, mas a dimensão do sujeito “entre-lugares”.

Silva (2018) aborda o bilinguismo enquanto um fenômeno complexo e multifacetado, dando ênfase à cognição e à visão holística sugerida por Grosjean (1977). A autora apresenta uma reflexão a respeito da “mescla linguística”, ou seja, a noção de bilinguismo baseada no uso: os bilíngues estão em contato no nível individual e no social. Sendo assim, questões relativas ao uso e à mescla linguística, por exemplo, passam a influenciar os procedimentos metodológicos de descrição dos participantes e a construção de estímulos (SILVA, 2018, p.28).

A dominância de uma das línguas faladas ou o equilíbrio entre elas (este, por sua vez, mais raro), demonstra a natureza dinâmica do bilinguismo. É possível aumentar ou diminuir a importância de uma das duas línguas, considerando-se que a dominância é relativa, além de não indicar proficiência, nem se apresentar como um construtor global (SILVA, 2018). Desse ponto de vista, ser bilíngue não significa desenvolver as quatro habilidades comunicativas (ler, escrever, ouvir e falar) nas duas línguas, mas utilizá-las em diferentes situações.

Para Grosjean (1977, 1982, 2016), a fluência é algo relacionado à história linguística e à necessidade de uso de cada língua. Nesse sentido, o bilíngue não é o resultado da soma do desempenho linguístico de dois monolíngues, uma vez que utiliza as diferentes línguas em diferentes contextos e para diferentes funções. Em consonância com Grosjean, Valdés (2005) afirma que fatores como autoavaliação, identificação e motivação influenciam as atitudes linguísticas que, por sua vez, influenciam a dominância:

Embora a equivalência absoluta das habilidades em duas línguas seja teoricamente possível [...], indivíduos raramente têm acesso a duas línguas exatamente no mesmo contexto em todos os domínios de interação. Os sujeitos bilíngues não têm a oportunidade de usar duas línguas para realizar exatamente as mesmas funções com todas as pessoas com quem eles interagem ou usam suas línguas intelectualmente com a mesma intensidade. Eles, portanto, não desenvolvem idênticos esforços em ambas as línguas. Os usuários de L1 / L2 são indivíduos bilíngues que manifestam esforços muito diferentes em suas duas línguas e que podem ser melhor pensados como cair ao longo de um *continuum* de diferentes tipos de bilíngues[...]. (VALDÉS, 2005, p. 414)

O que determina o uso de uma ou de outra língua, portanto, é o contexto de uso, sua função e os interlocutores envolvidos. Além disso, a língua pode ser um fator de coesão e de identificação dos vínculos familiares, conforme verificamos na entrevista entre os irmãos, filhos de Martino e Giulietta. Ao perguntarmos se sempre falavam em italiano entre si, inclusive nas mensagens por *whatsapp*, a resposta de um deles, com a qual todos concordaram foi a seguinte:

Quando guardo mia sorella o uno dei miei fratelli mi viene subito l'italiano. Se c'è qualcuno vicino e dobbiamo parlare in portoghese tutto mi sembra artificiale, strano. Anche su whatsapp. parliamo e scriviamo solo in italiano fra di noi.

Souza (2021) afirma que os estudos em aquisição de segunda língua aliados aos trabalhos sobre psicolinguística são um território fecundo que possibilitou uma “virada bilíngue”. A esse respeito, Souza (2021, p.146) aponta os estudos de Grosjean (2008) que partem de uma visão

holística, em que o bilíngue é concebido “não como dois monolíngues em uma única mente, mas sim como um indivíduo com configuração linguística singular, irredutível tanto à L2 quanto à L1.”

Na esteira dessas pesquisas, Maher (2007) afirma que o bilíngue deve ser considerado como alguém que opera em um terceiro lugar:

como alguém que opera em um universo discursivo próprio, que não é nem o universo discursivo do falante monolíngue em L1, nem o do falante monolíngue em L2. [O bilíngue] funciona em um terceiro lugar, lugar esse que, sendo permeável à permeabilidade das línguas que o constituem, está permanentemente em construção. (MAHER, 2007, p.77-78)

Acreditamos que a ideia da permeabilidade das línguas que constituem o bilíngue pode ser associada ao conceito de translanguagem (GARCÍA, 2009). A noção de translanguagem parte do pressuposto de que os sujeitos bilíngues ou multilíngues possuem um só repertório linguístico, do qual fazem uso para se comunicar em diferentes contextos, diferentemente das teorias tradicionais que consideravam o bilíngue como um sujeito usuário de dois ou mais sistemas linguísticos autônomos (VOGEL e GARCIA, 2017).

As práticas translíngues pressupõem, portanto, a ideia fluida de língua, que transita, uma língua de “entre-lugares”, que vai se auto-organizando de acordo com as necessidades. Nesse sentido, o foco é o falante e não o sistema, posto que a língua pertence ao falante e não aos estados-nação (GARCÍA, 2009).

É natural que o italiano falado pela família Conci-Maggio tenha passado por transformações desde que se estabeleceu no Brasil, 64 anos atrás. Nesse sentido, pensar nas práticas translíngues afasta a LH de um olhar avaliativo equivocado, em que sua qualidade e sua legitimidade seriam mensuradas em relação à língua italiana padrão, difundida nas gramáticas e dicionários pelo estado italiano.

3. Por políticas linguísticas familiares: entre razão e emoção

La lingua rivela una sorta di personalità collettiva del gruppo che la parla.

Giovanni Freddi

Crescer em duas ou mais línguas quer dizer, também, “estabelecer vínculos de diversos tipos: com pessoas, com culturas, com jeitos de falar, com formas de expressão corporal, que paulatinamente vão nos preenchendo (...)” (BENEDINI, 2015, p. 48). Por essa razão, Benedini

afirma que antes de nos perguntarmos o que as crianças ganham com essas línguas, deveríamos nos perguntar o que essas línguas podem significar para as crianças:

Para falantes bilíngues de uma LH de minoria e uma língua majoritária, o uso da linguagem reflete a sua necessidade e desejo de se identificar com ambas, ou parte de cada comunidade linguística. Quando considerada como um conjunto de membros do grupo que são reconhecidos por si mesmos e pelos outros, a identidade é um processo de identificação externa e interna. (BENEDINI, 2015, p.57)

Lynch (2014), Aravossitas (2014) e Carreira (2004) ressaltam a importância das iniciativas da comunidade na preservação e manutenção da LH,³ além das leis de proteção e cooficialização por parte do governo. Ortale afirma que “a comunidade deve ser agente ativo no planejamento das ações que dizem respeito à forma como suas identidades e heranças culturais poderão estar preservadas/revitalizadas” (2016, p.34).

Em muitas pesquisas, o papel da família (em particular, o papel dos pais e mães) tem sido destacado como o mais importante para a manutenção da LH (CORRIAS, 2019; WONG FILLMORE, 1991; LAO, 2004; GUARDADO, 2002, 2008; SARKAR e PARK, 2007; OH e FULIGINI, 2007; SUAREZ, 2002; KOURITZIN, 2000; SAKAMOTO, 2000). Porém, é necessário ressaltar que as práticas adotadas pelas famílias não surgem de um modo aleatório, mas são influenciadas por diversos fatores, que ultrapassam o espaço doméstico (GUARDADO, 2008), considerando-se que os contextos cultural, socioeconômico e político, bem como a história da imigração de um ou de ambos os genitores, influenciam as atitudes tomadas em favor da manutenção da LH, além de influenciar, também, o nível de receptividade dos filhos quanto a essa manutenção. Além disso, as oportunidades de uso da LH no dia a dia também têm efeito sobre o modo como a família irá gerenciar as práticas.

Coelho (2009), ao investigar os fatores que condicionaram a transmissão, ou não, das línguas em famílias de casais interétnicos residentes no Brasil, identificou como fatores de maior influência: 1) o grau de proficiência do cônjuge imigrante na L2; 2) o background linguístico-cultural dos cônjuges; 3) a escolha da língua de interação entre o casal e 4) as representações dos cônjuges acerca da língua e cultura um do outro.

Para a autora, não podemos atribuir uma relação de causa e efeito a nenhum desses fatores citados por ela, bem como aos citados nos demais estudos que apresentamos acima. Isso ocorre porque os fatores são interdependentes e se organizam de forma específica para cada família (COELHO, 2009).

3 No caso de nosso estudo consideramos como “comunidade” o núcleo familiar investigado.

Souza (2016, p. 17-18) chama a atenção para o processo complexo e multifacetado que é a integração dos migrantes nas sociedades de acolhimento. Para a autora, este é “um processo de interação e ao mesmo tempo de adaptação mútua entre os imigrantes e a sociedade de acolhimento”. Como em alguns casos, a perda da língua dos pais no contexto de diáspora é um fenômeno recorrente, Souza afirma que “a menos que haja uma relação intensa com a terra natal dos antecessores, a tendência será assimilar o idioma e a cultura locais, consolidando o processo migratório de miscigenação cultural” (2016, p.18), assim como uma possível absorção de seus membros pela comunidade local. Daí a importância da conscientização e do reconhecimento da cultura do país de origem dos pais, pois isso irá permitir se reaproximar e se apropriar dos elementos constitutivos de valores e formas de ver o mundo. A negociação, assim como o gerenciamento linguístico, acontece em família (SOUZA, 2016, p. 35). E foi justamente esse reconhecimento que levou ao surgimento da área de pesquisa chamada Planejamento Linguístico Familiar (FLP, sigla em inglês), dentro de Planejamento Linguístico (LI WEI, 2012).

É justamente no reconhecimento dessa pluralidade, da diversidade intrínseca e constitutiva da LH, que se situam as políticas linguísticas, olhares políticos em relação ao “falante de herança”. Vários estudos apontam que o conceito de falante de herança está dentro de um *continuum* que vai desde o indivíduo que apenas compreende a LH até aquele com fluência. A esse propósito, Krashen (2000) afirma que o falante de língua de herança nunca se encontra em uma posição vitoriosa quando está em uma sala de aula de língua estrangeira para aprender sua língua de herança, pois se ele se sai bem, apenas está correspondendo às expectativas e, por outro lado, se ele tem dificuldades, é cobrado pela falta de conhecimento linguístico.

Muitas vezes predomina a ideia de que o falante de herança possui uma proficiência “incompleta”, com muitos desvios gramaticais (POLINSKY, 2014). Isso porque a LH é avaliada com base na língua padrão do país de origem e não é raro ouvir do aprendiz que estuda a LH: “essa língua é diferente da que eu falo em casa”.

É importante reconhecer a LH como uma língua legítima, um espaço de confluências, um patrimônio imaterial com características próprias que a diferenciam da língua padrão do país de origem. A LH contém em si mesma a história dos contatos linguísticos, mas sobretudo dos contatos humanos e das transformações dos sujeitos após o processo de reterritorialização.

Manter a LH em espaços familiares e em comunidades de imigrantes não é de forma alguma um “ato gratuito”. Clarice Lispector (2004) define “atos gratuitos” como ações cotidianas realizadas sem esforço algum, como ações que simplesmente acontecem. É possível afirmar que a preservação de uma LH não apenas está longe de ser um ato gratuito, como também representa um ato de resistência.

Os atos de resistência precisam ser construídos nas ações diárias, nas micropolíticas, como Giulietta com seus filhos na década de 1960, ao falar apenas em italiano, ao ler histórias e ao realizar ditado e atividades de livros didáticos para ensinar a língua de herança aos filhos. Da mesma forma, muitas ações preservadas ao longo de gerações da família Conci-Maggio levaram-nos a compreender que simples ações rotineiras, quando realizadas na LH, tornam-se atos de

resistência, tais como: brincar, cozinhar, cuidar das plantas, celebrar rituais - aniversário, Natal e “caça aos ovos de páscoa” -, fazer a oração noturna, contar histórias, etc. Os atos cotidianos que envolvem a linguagem, assim como muitos outros do dia a dia, são políticos. Daí a importância de reconhecermos que as escolhas linguísticas feitas em casa contribuem para o movimento de preservação ou de apagamento da língua de herança.

Referências

ARAVOSSITAS, T. Communities taking the lead: Mapping Heritage Language Education Assets. In: TRIFONAS, P. P.; ARAVOSSITAS, T. (Ed.) *Rethinking Heritage Language Education*. Cambridge University Press, 2014, p.141-166.

BENEDINI, D. R. M. *O português como herança na Itália: língua e identidades em diálogo*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 176 f., 2015.

CARREIRA, M. Seeking Explanatory Adequacy: A Dual Approach to Understanding the Term “Heritage Learner”. *Heritage Language Journal*, California, v. 2, n. 1, 2004, p.1-25. DOI: <<https://doi.org/10.46538/hlj.2.1.1>>

COELHO, V. G. *Casais interétnicos – filhos bilíngues?: representações como indícios de políticas de (não) transmissão da língua minoritária da família*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, 2009.

CORRIAS, V. *Abrindo caminhos para o italiano língua de herança no Brasil: a formação de professores na perspectiva pós-método*. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 240 f., 2019.

COVERI, L., BENUCCI A., DIADORI, P. *Le varietà dell’italiano*. Manuale di sociolinguistica italiana, Roma: Bonacci, 1998.

DEMETRIO, D. *Raccontarsi: L’autobiografia come cura di sé*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 1996.

GARCÍA, O. *Bilingual education in the 21st century: A global perspective*. Malden, MA and Oxford: Wiley/Blackwell, 2009

GUARDADO, M. *Language socialization in Canadian Hispanic communities: Ideologies and practices*. Tese (Doutorado em Filosofia) - University of British Columbia, Vancouver, 2008.

GUARDADO, M. Loss and maintenance of first language skills: Case studies of Hispanic families in Vancouver. *Canadian Modern Language Review*, v. 58, n. 3, 2002, p. 341-363. DOI: <<https://doi.org/10.3138/cmlr.58.3.341>>

GROSJEAN, F. The bilingual and the bicultural person in the hearing and in the deaf world. *Sign Language Studies*, v. 77, 1992, p. 307–320.

GROSJEAN, F. *Individual Bilingualism*. In: Asher, R. (ed.) *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Pergamon Press, 1994, p.1656-60.

GROSJEAN, F. Studying bilinguals: metodological and conceptual issues. *Bilingualism: Language and Cognition*, v.1, n. 2, 1998, p. 131-149. DOI: <<https://doi.org/10.1017/S136672899800025X>>

GROSJEAN, F. *Studying Bilinguals*. Oxford/ New York: Oxford University Press, 2008.

GROSJEAN, F. Bilingualism: A Short Introduction. In: GROSJEAN, F.; LI, P. (eds). *The Psycholinguistics of Bilingualism*. Malden, MA: Willey-Blackwell, Inc., 2013, p. 5-25.

GROSJEAN, F. The Complementarity Principle and its impact on processing, acquisition, and dominance. In C. Silva-Corvalán & J. Treffers-Daller (Eds.), *Language Dominance in Bilinguals: Issues of Measurement and Operationalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

KRASHEN, S. Bilingual education, the acquisition of English, and the retention and loss of Spanish. In: ROCA, A. (Ed.) *Research on Spanish in the U.S.: Linguistic Issues and challenges*. Somerville: Cascadilla Press, 2000. Reimpresso por Stephen Krashen. Disponível em: <http://www.languagepolicy.net/archives/Krashen7.htm>. Acesso em 10/04/2022.

KOURITZIN, S. G. A mother's tongue. *TESOL Quarterly*, v. 34, n. 2, 2000. DOI:<<https://doi.org/10.2307/3587954>>

LAO, C. Parents' attitudes toward Chinese-English bilingual education and Chinese- language use. *Bilingual Research Journal*, v. 28, n. 1, 2004, p. 99-121.

LISPECTOR, C. *Aprendendo a Viver*. São Paulo: Rocco, 2004.

LYNCH, A. The first decade of the Heritage Language Journal: A retrospective view of research on heritage languages. *Heritage Language Journal*, California, v.11, n. 3, 2014, p.224-242. DOI: <<https://doi.org/10.46538/hlj.11.3.3>>

MAHER, T. M. Do Casulo ao Movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M. (Org.). *Transculturalidade, Linguagem e Educação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007, p. 67-96.

MEIHY, J. C. B. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 5ª edição, 2005.

MENDES, E. Ensino e formação de professores de português como língua de herança (PLH): revisitando ideias, projetando ações. In: CHUALATA, K. B. (org.). *Português como língua de herança: discursos e percursos*. Lecce: Pensa MultiMedia Editore, 2015, p. 79- 100.

NESTERUK, O. Heritage language maintenance and loss among the children of Eastern European immigrants in the USA. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, v. 31, n. 3, 2010, p. 271-286. DOI: <<https://doi.org/10.1080/01434630903582722>>

ORTALE, F.L. *A formação de uma professora de italiano como Língua de Herança: o pós-método como caminho para uma prática docente de autoria*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,

Tese (Livre docência) - Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/8/tde-10072017-122752/pt-br.php>. Acesso em 10/06/2022.

ORTALE, F.L.; MAGGIO, G.; BACCIN, P. Identidade e bilinguismo em contexto de núcleo familiar de imigrantes italianos. *Revista de Italianística*, v. 30, 2015, p. 146-163. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-8281.v0i30p146-163>.

ORTALE, F. L.; CORRIAS, V.; FORNASIER, R. M. L. Desafios no ensino da língua de herança: o italiano em Pedrinhas Paulista. *Revista Letras Raras*, v. 6, n. 2, 2017. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/879/515>. Acesso em 22/04/2022.

ORTALE, F.L.; CORRIAS, V.; FORNASIER, R.M.L. Come insegnare italiano L2 agli apprendenti di origine italiana? L'italiano come lingua ereditaria in Brasile. DIADORI, P.; GENNAI, C.; MONAMI, E. *La Nuova Ditals Risponde 3*. Roma: Edilingua, 2021, p. 113-126.

SARKAR, M.; PARK, S. M. Parents' attitudes toward heritage language maintenance for their children and their efforts to help their children maintain the heritage language: a case study of korean-canadian immigrants. *Language, Culture and Curriculum*. v. 20, n. 3, 2007. DOI: <https://doi.org/10.2167/lcc337.0>

OH, J. S.; FULIGINI, A. *The role of heritage language development in the adjustment of adolescents from immigrant backgrounds*. Los Angeles: University of California, 2007.

POLINSKY, M.; PREMINGER, O. Case and grammatical relations. In: CARNIE, A.; SIDDIQI, D.; SATO, Y. *Routledge Handbook of Syntax*, 2014, p. 150-166.

SABOGAL, F.; MARIN G.; MARIN, B. V.; OTERO - SABOGAL, R.; PEREZ-STABLE, E. J. Development of a short acculturation scale for Hispanics. *Hispanic Journal of Behavioral Science*, v. 9, 1987, p. 183-205. DOI: <https://doi.org/10.1177/07399863870092005>

SAKAMOTO, M. *Raising bilingual and trilingual children: japanese immigrant parents' child-rearing experiences*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Department of Curriculum, Teaching and Learning Ontario Institute for Studies in Education of the University of Toronto, Toronto, 2000.

SILVA, G. *Perfis linguísticos de surdos bilíngues do par libras-português*. (Tese de Doutorado), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 217 f., 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-AX8MK5>.

SOUZA, A. (Org.). *Português como Língua de Herança em Londres: recortes em casa, na igreja e na escola*. Campinas: Pontes Editores, 2016.

SOUZA, R. *Segunda língua: aquisição e conhecimento*. São Paulo: Parábola, 2021.

SUAREZ, D. The paradox of linguistic hegemony and the maintenance of Spanish as a heritage language in the United States. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, v. 23, 2002, p. 512-530. DOI: <https://doi.org/10.1080/01434630208666483>.

VALDÉS, G. Bilingualism, heritage language learners and SLA research: opportunities lost or seized? *The Modern Language Journal*, v. 89, n. iii, 2005, p. 410-426. DOI: <<https://doi.org/10.1111/j.1540-4781.2005.00314.x>>. Acesso em 22/04/2022.

VOGEL, S.; GARCIA, O. Translanguaging. *Oxford Research Encyclopedia of Education*, CUNY Academic Works: New York, p. 1-21, 2017.

WEI, L. Language policy and practice in multilingual, transnational families and beyond. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, v. 33, n. 1, 2012, p. 1-2. DOI: <<https://doi.org/10.1080/01434632.2011.638507>>.

WONG FILLMORE, L. When learning a second language means losing the first. *Early Childhood Research Quarterly*, v. 6, 1991, p. 323-346. DOI: <[https://doi.org/10.1016/S0885-2006\(05\)80059-6](https://doi.org/10.1016/S0885-2006(05)80059-6)>

ZANINI, M. C. C. A Família como Patrimônio: A Construção de Memórias entre Descendentes de Imigrantes Italianos. *Revista de Antropologia Social*, Campos, PR, v.5, n.1, 2004, p.53-67. DOI: <<http://dx.doi.org/10.5380/cam.v5i1.1635>>

Recebido em: 25/04/2022 (versão atualizada: 10/08/2022)

Aprovado em: 5/09/2022